

RESENHA/ENSAIO ACERCA DA LOUCURA NA LITERATURA: NÓ NA GARGANTA E LUNAR PARK

Camila Mirelly Santana Santos e Marcos Roberto Santos Pereira¹⁷

Resumo¹⁸: Pretendemos com este texto resgatar os pontos cruciais de dois romances, *Nó na garganta* e *Lunar Park*, a fim de estabelecer uma conexão filosófica acerca de um tema comum às duas obras: a loucura. Dessa forma, resumiremos as duas obras e desenvolveremos uma análise mais apurada envolvendo ações, gestos, círculo social, família e deformidades psicológicas. Os dois textos se passam em contextos bem distintos, o que inicialmente nos levou a considerar impossível ambos produzirem reflexões semelhantes. No entanto, a filosofia tem a função de desconcertar qualquer visão concebida previamente. Portanto, como um desapontamento benéfico, encontramos características comuns aos textos, e discorreremos acerca delas.

Palavras-chave: *Nó na garganta*, *Lunar Park*, loucura, círculo social, família.

Abstract: In this text we intend to redeem the relevant points of two novels, *The butcher boy* and *Lunar Park*, to stablish a philosophical connection about the common theme to both books: the madness. Then, we will sum the two works and develop an analysis more acurated involving the actions, gestures, social circle, family and psicologic deformities. Both texts have really differents contexts, what initially take us to consider impossible to them produce similar thoughts. However, the philosophy has the role of bewilder any previously concepted opinion. So, as a benevolous bewilder, we find common characteristics to the texts and develop them.

Keywords: *The butcher boy*; *Lunar Park*; madness; family.

17 Graduandos do curso de filosofia pela Universidade Federal de Sergipe. Respective e-mails: camilamirelly082@gmail.com; marcolinolino00@hotmail.com

18 Este texto é resultado da segunda avaliação da disciplina Leitura e Composição de Textos Filosóficos III do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe, ministrada pelo professor Rodrigo Pinto de Brito.

As diferenças entre os livros *Nó na garganta* e *Lunar Park* veem-se reduzidas no que se refere à loucura como pano de fundo das obras. O primeiro apresenta como protagonista um interno de manicômio, no qual se encontra e onde narra, apaticamente, os fatos da sua vida até culminar no auge de sua loucura, quando comete assassinato. O segundo apresenta a tentativa de redenção de um famoso autor literário ao finalmente constituir família depois de acometido por uma overdose. O primeiro apresenta uma estória cujos fatos não se pretendem reais, enquanto o segundo é afirmado pelo autor como uma autobiografia. Ambos, contudo, expressam a loucura de seus protagonistas como advindas de uma desestrutura familiar.

O romance irlandês *Nó na Garganta* tem um cenário caótico que gradualmente se torna perturbador. A narração é de escrita peculiar, pois não possui muitos sinais de pontuação, o que faz com que muitas vezes seja necessário reler todo um parágrafo e colocá-lo em ordem para compreender. Sem preocupação com as regras textuais, é como se uma criança tivesse escrito com muita euforia e vontade de desabafar a respeito da própria história.

Francie Brady, protagonista e narrador da própria história, é filho de dois seres humanos notadamente abalados pela vida. Benny Brady é um pai alcóolatra e ausente, amargurado por ter passado parte de sua vida abandonado em um orfanato. Annie Brady, mãe do garoto, possui problemas psiquiátricos, se mostra depressiva, bipolar e até compulsiva. Dessa maneira, Annie frequenta o hospício, o que a traz uma paz com prazo de validade curtíssimo e facilmente corruptível. Logo, vemos um cenário que se caracteriza como o oposto do saudável, onde uma criança está imersa. Por conta de tantas brigas e lamúrias, o garoto foge de casa e sua mãe, abandonada pelo único liame com a vida, comete suicídio. Francie volta para casa e seu pai, cheio de remorso, mas incapaz de assumir qualquer parte de responsabilidade, culpa a criança pela morte da mãe.

Assim, Francie libera toda sua rebeldia acompanhada de horror e maldade e declina na insanidade progressivamente. Largado à própria sorte, é levado para um orfanato e lá é abusado sexualmente. De tão calejado de sofrimento, parece nem se importar. O garoto, com a noção de que nada tem a perder, já que tinha sido abandonado por todos a seu redor, apronta maldades e alcança o ápice quando assassina Dona Nugent, mãe de Philip Nugent, que, segundo Francie, tinha roubado seu melhor amigo. A senhora é esquartejada e escondida em meio a lavagens que ele coletava no trabalho. Ele conta desde o início que isso já faz muito tempo e que hoje continua no hospício onde foi colocado depois do assassinato. Nesse

momento, não demonstra arrependimento e fala como se nunca tivesse crescido. Não há maturidade em suas palavras. Notoriamente, *Nó na Garganta* mostra o que a desestrutura familiar regada a pobreza pode fazer com uma mente em formação. No seu ápice, ela pode tornar a mente doentia, insana, psicopata, enfim, alicerçada na loucura. Tais consequências foram gradativas e abordadas no romance, não como enfermidades de súbito, mas como um processo gradual, em que os acontecimentos determinaram qual ou quantos seriam os níveis de degradação avançados. A fim de fazer um breve apanhado, analisaremos esses níveis.

No início da narrativa, Francie Brady diz: “Quando eu era um cara jovem há vinte ou trinta ou quarenta anos, morava numa cidadezinha e todo mundo estava atrás de mim pelo que fiz com dona Nugent.” (MCCABE, 1997, pág. 9). O que chama a atenção nesse trecho é que a sua incerteza em relação a quanto tempo faz possui uma diferença absurda de um achismo para outro, como se o narrador não soubesse qual a sua idade, quanto tempo se passou. A partir daí começa a descrever aspectos do seu cotidiano e a falar dos momentos que passa com seu melhor amigo, Joe Purcell.

Como já dito, sua mãe, Annie Brady, por ter problemas mentais, frequentava o hospício, mas parece que Francie via isso com muita naturalidade, principalmente no que se refere à estranheza do comportamento. Há várias passagens em que o garoto deixa claro o que percebe, mas não fala disso como algo de fato anormal e sim como se fosse mais um detalhe do cotidiano. O extremo dessa desordem mental, vemos em:

O que está fazendo aí em cima mamãe pergunto e um fio elétrico de papai amarrado no teto e balançando mamãe não disse o que estava fazendo lá parada cutucando uma unha e ia dizer alguma coisa e depois não dizia. Disse para ela a loja da Mary está fechada será que ainda posso ficar com os seis pence ela disse que eu podia *Oba!* (MCCABE, 1997, pág. 16)

Logo depois, Annie é levada para o hospício e volta entusiasmada e disposta. Essa passagem ratifica o que foi dito sobre a intensidade dos problemas da mãe de Francie, e também deixa implícito, através da reação dele, que tal ato era recorrente, já que se mostrou indiferente. A todo tempo, Francie se mostra ciente da situação que o cerca, ressaltando até alguns detalhes que seriam indiferentes para adultos, quiçá para crianças. Acostumado com a pobreza latente e com um cotidiano pleno de anormalidade, Francie possivelmente se tornaria um garoto problemático e frágil, visto que todo acontecimento muda-o de forma negativa,

mostrando assim o quanto é influenciável e sem estrutura psíquica para lidar com os problemas mais comuns.

É clichê, mas inegável e evidente: A família forma as bases de todo ser humano, a infância é um período de filtrar o que está ao redor e de adotar modelos (que se espera que sejam benéficos). Pode até ser que a criança desvie de suas bases, mas em parte significativa das vezes, a partir dessas bases, se constrói a estrutura mental.

O suicídio da mãe, logo depois que ele foge, é o gatilho para sua loucura em avanço. Depois do orfanato, Francie passa um período na cidade e muda sua conduta. Agora ele cuida da casa, trabalha em um açougue e, por isso, comunica-se bastante com os moradores.

Em consequência de uma súbita revolta por ter sido abandonado por Joe Purcell, ele invade uma farmácia e desvairadamente engole vários comprimidos, o que o deixa em um estado psíquico alterado, causando-lhe alucinações. Como que de súbito, nesse acesso de raiva, desconsidera todo o cuidado com o próprio corpo. É alguém que não se importa se vive ou morre. Em decorrência disso, é enviado aparentemente para um hospício, onde será tratado.

Voltando à cidade, o garoto continua obcecado em vingar-se de Dona Nugent. No ápice de sua insanidade, assassina-a, esquarteja e coloca o cadáver junto à lavagem que recolhia da cidade. Mesmo depois de ser descoberto, não demonstra remorso algum e sim orgulho pelo que fez, mesmo sabendo que as consequências seriam drásticas. Francie Brady é encaminhado para um hospício, em que ficou todos esses anos em uma solitária, e só no final da narração demonstra algum sentimento, pois, quando vai subir as montanhas, (subida iniciada de maneira aparentemente despretensiosa) diz que as lágrimas escorrem pela sua face. Não deixando explícito se por ter finalmente saído da solitária ou por algum arrependimento pela vida desperdiçada, imersa em tristeza, insatisfação, perdas, abandonos, e atos monstruosos.

Infelizmente virou moda dizer que se é louco, como se fosse uma característica benéfica e pré-requisito para ser moderno. Não há graça nem vantagem na loucura diagnosticada. Imaginar a perda da consciência de si e do mundo é algo desolador para quem tem o mínimo de senso crítico. E viver tal situação só não é mais desolador pois quem a sofre não tem consciência disto. Os manicômios estão cheios de seres humanos com muita história,

mas sem noção alguma disso. Foram esquecidos pela família, médicos, enfermeiras, governo, sociedade, o sistema de modo geral. São tratados como máquinas que só precisam de reabastecimento com drogas para não incomodar. Quando essas drogas usadas em tratamentos psiquiátricos são administradas compulsoriamente, e sem uma revisão dos casos dos pacientes, tende a piorar muito a situação, e assim, aos poucos, apaga quem se é, apaga da mente a própria história. A loucura não é um simples desvio de conduta, ideia ou forma de pensar incomum. É muito mais complexo do que isso, pois se trata de uma doença e que não se manifesta de maneira homogênea e padronizada. Há vários transtornos psiquiátricos que se agravados, chegam ao ápice a que se chama “loucura”. A sensação permanente deve ser a de sobrevivência em um abismo constante e na incoerência de si mesmo.

Trataremos agora da manifestação da loucura presente em *Lunar Park*, que também tem como causa a desestrutura familiar. Contudo, tal desestrutura é engendrada por um ambiente oposto ao de *Nó na garganta*.

Bret Easton Ellis, autor de *Lunar Park*, inicia seu livro com um prólogo no qual apresenta a sua fama instantânea após a publicação de seu primeiro livro, quando ainda se encontrava na faculdade. Com a fama, toda uma vida de drogadição e alcoolismo é adicionada. Como decorrência desta vida, o autor e protagonista é acometido por uma overdose e decide-se por uma vida calma e familiar num subúrbio pouco distante da metrópole estadunidense mais próxima, Nova York. Tal distância é uma medida de precaução tomada por sua esposa, para cuja casa o personagem se muda, frente a atentados terroristas, que têm geralmente como alvo cidades grandes.

A principal preocupação do protagonista, contudo, é outra. Desde sua mudança para a casa da esposa, doze garotos da mesma faixa etária e classe social que seu filho haviam desaparecidos por completo. Resultado, insinua o autor, da criação familiar dada a essas crianças. O livro apresenta esse receio como elemento essencial. Contudo, no presente texto, muitas referências a ele não serão feitas, visto considerarmos mínima a sua relevância para o tema aqui tratado.

A família de Bret Ellis é composta por sua mulher, uma famosa e cobiçada atriz de Hollywood, e seus filhos, dos quais apenas um é seu filho biológico. A mãe, Jayne Dennis, representando o estereótipo da alta classe estadunidense, é uma mulher que não se restringe

para alcançar um ideal deturpado, e ironicamente prejudicial, de perfeição familiar. Assim, seus filhos são usuários de remédios contra ansiedade e depressão, bem como de soníferos. E, apesar de poderem ter todo conforto que queiram, percebe-se que esse não é um ambiente saudável, mas sim bastante suscetível a desequilíbrios, devido justamente à criação dada pela mãe. Bastando, para que isso ocorra, a presença de um elemento desarmônico.

Na convivência familiar, Bret Easton Ellis torna-se o elemento desarmônico. A família de Jayne Dennis, antes da chegada de Bret, tinha polos de comando e subserviência bem definidos. A mãe comandava autoritariamente a vida em família e os filhos, o cachorro e as empregadas obedeciam. Havia harmonia, apesar de estabelecida uma atmosfera de mera formalidade, na qual os integrantes da família não se conheciam de fato. Com a sua chegada, o protagonista se vê intensamente pressionado, principalmente por sua mulher, a ser um bom pai e marido. Isso, juntamente com as relações inevitáveis com o novo integrante, servem de catalisador da ruína familiar e da loucura do protagonista e de alguns outros personagens. Uma forma de loucura completamente distinta da que se vê em *Nó na garganta*.

A primeira manifestação dessa forma de loucura se dá no dia 30 de outubro. Durante uma festa na véspera de Halloween, o protagonista percebe a presença de alguém supostamente disfarçado de Patrick Bateman, protagonista do livro mais famoso do autor, *O Psicopata americano*. Contudo, pensa o autor posteriormente, não era alguém disfarçado do personagem, mas sim o próprio. E aqui percebe-se de que forma a loucura estará presente no livro. Os personagens criados por Bret Ellis criarão vida e atormentarão a sua família no decorrer da obra.

Ainda naquela festa, sua filha mais nova o informa que o brinquedo dela, Terby, uma espécie de ave animatrônica, está irritado com o barulho da festa. Depois de algumas insinuações, a vivacidade do brinquedo é acreditada pelo protagonista a ponto de ele desovar a ave em um deserto de uma avenida interestadual por medo do que poderia acontecer se o objeto continuasse na casa. E, como depois é revelado de forma surpreendente (pois até então não havia indício algum disso), um outro exemplar do Terby havia aterrorizado Bret e acabara por se tornar personagem de um livro infantil de terror, escrito por ele, repleto de imagens desenhadas do brinquedo sob o olhar do autor e narrando seus atos perversos.

Além disso, ainda na infância, o protagonista havia criado um personagem monstruoso em um conto chamado “A Tumba”. Um monstro de pelos negros e louros, cego por conta da escuridão na qual vivia, com dentes capazes de roer portas de madeira e caçador de crianças. Esse personagem cria vida e se manifesta na noite de Halloween, seguinte ao dia da festa, e entra em conflito com o cachorro da família, enquanto Bret Ellis observa o embate do jardim coberto pela escuridão no fundo da casa.

Esta primeira forma de loucura é acompanhada pela constante transmutação da casa onde vive naquela de sua infância. O protagonista não é somente atormentado por suas criações, mas a casa onde morava quando criança força-se a sobrepor-se à atual. Isto fica expresso na mudança contínua dos móveis, que se dispõem de forma semelhante à dos móveis da morada da infância. A tintura da casa atual se descasca sozinha, evento presenciado pelo protagonista, revelando a argamassa rosa-salmão, cor da casa da infância.

As consequências destas assombrações para os que rodeiam o protagonista chegam a ser drásticas. Em uma determinada noite, Bret Ellis, seu filho Robby e sua filha Sarah são atormentados pelo brinquedo da filha e pelo monstro de pelos negros e louros. Robby fica cara a cara com o brinquedo, que paira ameaçadoramente de asas abertas sobre as costas do seu pai dormente, sua mandíbula revelando uma fileira desorganizada de presas. Sarah é puxada pelos pés pela criatura monstruosa de “A Tumba”. E o pior, uma amante de Bret é assassinada por Patrick Bateman da mesma forma que uma personagem de nome parecido havia sido no manuscrito original de *O Psicopata Americano*, lido apenas por Bret Ellis.

Como se não bastasse, o vídeo gravado minutos antes da morte de Robert Ellis, pai do protagonista, é encontrado anexado em uma série de e-mails. Desde sua mudança, Bret passa a receber e-mails enviados às 2:40 da madrugada da agência do Bank of America em Sherman Oaks, sua cidade natal. Porém, sempre que liga para a agência à procura de explicações, é informado de que neste horário ela não está em funcionamento. O vídeo mostra os atos feitos por Robert Ellis antes de sua morte como se fossem gravados furtivamente. Contudo há momentos em que seria impossível não perceber a filmagem e aquele que a realiza, e o reflexo do espelho diante do qual a câmera se posiciona, intermediados pela figura do pai, não apresenta nada senão as costas dele. Apesar disso, em um determinado momento do vídeo é

possível perceber a figura de Clayton¹⁹, outra manifestação de personagens, como sendo o responsável pela gravação.

Assim, o passado atormenta o personagem de Bret Easton Ellis. Não como um peso na consciência pela relação que havia estabelecido com seu pai, mas pela manifestação de elementos fictícios e reais do passado que haviam sido reprimidos por serem justamente expressão da conturbada relação. A semelhança entre o presente e o passado serve de gatilho para a emersão desses elementos. Ao assumir a função paternal, Bret Ellis reativa uma parte propositalmente esquecida da sua memória ao perceber que agora a desconfiança, o desgosto contido que ele sentia quando filho é o mesmo que o de Robby. E a vontade de aceitação que antes pesava sobre a cabeça de seu pai, agora pesa sobre a sua. Ainda mais, acrescentado a tudo isso existe o receio por conta dos desaparecimentos de crianças, potencializado pelas suspeitas de que sejam planejados pelas próprias crianças. E tudo isso é tão intenso que mesmo seus mais antigos personagens, afundados na lama do seu inconsciente, criam vida.

É importante perceber que os dois livros giram em torno da loucura, mas que possuem bases diferentes. Um, *Nó na garganta*, se passa em um cenário que não se pretende real, mas que com certeza é comum na vida de muitos. Tal cenário é baseado na pobreza e no contraste com a riqueza e família estruturada e saudável de outros. O outro, *Lunar Park*, gira em torno de uma vida familiar cuja perfeição é constantemente requerida e cegamente considerada pela matriarca. Dessa forma, a loucura não possui receita padrão pra que se origine. A loucura tem terreno fértil independente da classe social do indivíduo.

Independente, inclusive, da diferença de tratamento dado à loucura nestes livros. Seja diagnosticada psiquiatricamente ou não, é inevitável afirmar a presença da loucura em ambos. Alguns, talvez, tentassem defender a inexistência dela em *Lunar Park*, contudo estariam agindo como os personagens da obra que se recusam a percebê-la, por considerarem o protagonista um usuário de drogas. Com isto, seus defensores estariam assemelhando as alucinações promovidas por substâncias psicotrópicas à crença em momentos sóbrios de que um brinquedo estaria vivo, por exemplo. Entendemos com essa recusa a demonstração do sentimento de proeminência da classe alta retratada na obra, que se recusa a se considerar suscetível a falhas. Enquanto em *Nó na garganta*, apesar de a loucura ser diagnosticada psiquiatricamente, entendemos o tratamento dado a ela como uma resolução de problemas.

19 Personagem do primeiro livro de Bret Easton Ellis, *Abaixo de zero*, livro que o levou ao sucesso vertiginoso.

Não há intuitos benevolentes ou meramente altruístas, mas simplesmente um egoísmo disfarçado que decide se livrar do problema da maneira mais conveniente.

Referências Bibliográficas

ELLIS, B. E.. *Lunar Park*. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues e Maria Parula. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

MCCABE, P. *Nó na garganta*. Tradução de Lidia Cavalcante Luther. São Paulo: Geração Editorial, 1997.